

A iluminação da cidade

A iluminação da cidade a que a Companhia do Gás é obrigada constitui uma tremenda burla. Burla que a Companhia do Gás há anos vem cometendo com a certeza de que a Câmara Municipal lhe dá carta branca para cometer toda a espécie de tropelias.

A cidade foi lançada, pouco depois da guerra ter estalado, em plena escuridão. Regressou-se dum ápice às trevas da Idade Média. E como a população, vítima de tanta torpeza, não protestou tendo em conta esse excepcionalíssimo período da conflagração mundial, a Companhia do Gás resolveu que a cidade nunca mais fosse iluminada.

A guerra já lá vai, e a cidade permanece imersa em trevas. Entrar em certas ruas equivale a entrar num túnel. Há bairros que não têm uma única lâmpada eléctrica e nem sequer um anacrónico bico de gás.

A Companhia do Gás, para salvar as aparências, limitou o seu cuidado e a sua atenção à Baixa. Era o ponto mais central da cidade—o ponto mais movimentado e frequentado. Pois nem aí a Companhia cumpriu por completo o seu dever.

A Baixa não está iluminada, tem apenas um simulacro de iluminação. Ao passo que nas grandes capitais a iluminação é a jorros, chega a estontear, a causar deslumbramentos, no Rossio é débil, frôuxa, hesitante e insuficiente. A avenida da Liberdade está quase às escuras. A praça onde se encontra a estação do Rossio está numa semi-obscuridade vergonhosa. Não há em toda a Lisboa uma única rua que esteja bem iluminada.

Quando a Baixa se encontra quase como estava no tempo da guerra, é fácil de presumir como se encontra o resto da cidade.

Há ruas inteiras que não têm um único candieiro, onde não brilha uma lâmpada eléctrica e não bruxuleia um bico de gás. Lisboa continua condenada às trevas em que a guerra a sepultou.

É que faz a Câmara Municipal? É que faz a Companhia do Gás na ordem, obrigando-a a cumprir os seus contratos? Não. Fica numa atitude passiva e inerte, cruza os braços tranqüila e indiferente perante o descarado abuso cometido.

A Companhia do Gás é obrigada a iluminar a cidade? A Câmara parece entender que ela tem a obrigação de a deixar às escuras.

Esta vercação que caiu prostrou-se obediente e servil perante os monopólios. E, quando não transigiu e mostrou desejo de combater algumas extorsões, fê-lo débilmente, de modo a ficarem os monopólios vitoriosos depois de terem causado grandes prejuízos à população. E' recordar o que tem acontecido com a Companhia Carris em que, depois de a cidade ser privada largos espaços de tempo dos eléctricos acabava por pagar o aumento de tarifas exigido. E' recordar ainda este último acordo estabelecido com a Carris para fazer descer as tarifas e que deu aqueles irrisórios \$05 de redução nalguns bilhetes.

E' recordar ainda a questão mais recente, a questão do aumento de aluguer dos fogões e contadores da Companhia do Gás.

A Câmara barafustou, mas fê-lo de tal modo que a Companhia do Gás continua impondo o aumento que premeditou sem lhe ligar nenhuma importância. Esta vercação vai-se embora, dentro em breve. A cidade às escuras, e vítima de todas as tropelias e explorações, não lhe fica devendo nenhum favor. E' pena que não lhe tenha agradecido os prejuízos que lhe causou e que são muitos...

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Em virtude de terem ontem tomado posse os elementos que compõem o novo Secretariado e sendo necessário montar convenientemente os serviços administrativos, previnem-se as famílias das camaradas presas que recebem auxílio deste organismo de que, excepcionalmente, o pagamento correspondente à presente semana se efectua no próximo sábado, 28.

Ainda o tratado de Locarno

BERLIM, 25. — O Reichstag prosseguiu ontem no debate sobre o Tratado de Locarno.

O sr. Stresemann declarou associar-se à iniciativa francesa para a reunião dum conferência internacional económica, pois se torna necessária a efectiva colaboração de todos os povos que se acham exaustos por motivos da guerra.

“Um inimigo do Povo”

As classes trabalhadoras devem interessar-se pela renovação do teatro num sentido educativo e social

A renovação da sociedade, é a lógica consequência da renovação das ideias. Quanto mais intensa, mais defendida for a assimilação dos pensamentos sobre que assenta a sociedade futura, mais próximo estaremos da sua realização. Assim, o modo como as ideias não atiradas, a análise do seu poder de expansão deve interessar, apaixonar mesmo, os obreiros da sociedade nova. A indiferença pelos baluartes do pensamento, equivale ao abandono do campo de luta, e é semelhante ao perigo da indiferença pelas próprias ideias.

Desse abandono, resulta que os inimigos da emancipação dos trabalhadores, apossando-se desses baluartes, os manejam contra nós torcendo as ideias, envenenando as correntes de opinião, retendo, enfim, o efeito da máxima força da propaganda da verdade, impondo as suas estúpidas convenções, os seus cruéis pensamentos, a sua odiosa perseguição.

Um desses baluartes é o teatro.

Os operários ainda não se advertiram disso. Compreenderam, após imensos sofrimentos, que o seu campo de acção era o mundo do trabalho, que luta era na oficina, e crearam e robusteceram o sindicato. Chegaram também a compreender que precisavam defender as suas ideias; capacitaram-se do incensurável terramoto da mentira burguesa, e sentiram que lhes era necessário opor às suas calúnias, a verdade nova, os seus direitos, os seus desmentidos, e deram alento à imprensa operária, ao jornal revolucionário. Deram assim expressão à sua revolta, criaram enfim, a maneira de fazer ecoar a sua própria voz.

E de tal modo, os trabalhadores sabem hoje valorizar essa poderosa arma de combate, que é a imprensa, a imprensa sua, que não serão muitos os operários, que não compreendam, que não sintam, que a suspensão dum jornal revolucionário, é uma mordida assassina sobre a sua voz, é a negação do seu direito de existir, porque não se vive quando se fica silencioso ante tanta prepotência, tanta infâmia, dispendida para lhes sugar a vida.

A consciência da necessidade da imprensa operária é a maior conquista para a emancipação dos trabalhadores.

Mas a burguesia não descansa. A cada golpe vibrado ela redobra de furor e recorre a todos os meios para manter o seu predomínio, a sua opressão económica e moral. Ela conhece bem a psicologia dos explorados. Ela sabe bem que a sua exploração traz à vida do trabalhador a amargura intensa de viver, a dor continua que o lar não esmorece. Ela não ignora a necessidade de distração, de divertimento que devora as suas vítimas e então procura ensinar as suas ideias, e não consentir a expansão das ideias dos trabalhadores, onde elas poderiam ter, onde têm mesmo, maior poder de assimilação: através das festas, na hora em que o operário procura a sua distração.

Pertinás, arguta, tortuosa, a acção da burguesia consegue transformar um magnífico baluarte, um campo de luta, num campo de festa e atração, entonadas pelo folgoado, as vitórias esquecem que era ali o seu melhor campo de acção, o terreno mais próprio para semear, para espalhar as suas ideias.

Esse baluarte perdido é o teatro.

Os operários ainda não souberam ver a altíssima importância do teatro, como fonte de educação, como elemento de transformação social.

Maior do que a imprensa é a acção expressiva das ideias expandidas no teatro.

Ah! Mas os operários, não podem rapidamente assimilar esta afirmação, esta grande verdade, porque eles não têm visto teatro, porque lhes tem sido sonhado esse direito, porque se lhes tem mentido, porque o que eles têm visto nos palcos, é tudo menos o verdadeiro teatro, aquele onde se aprende através do debate de ideias e de sentimentos, através do conflito do homem e das leis, da humanidade e das mentirosas convenções, o sentido da vida, a dignificação da consciência livre.

O que os operários têm visto, com o nome de teatro, é uma autêntica burla, é o roubo, é a escamoteação da verdadeira arte, por uma pilhéria para divertir burgueses, adormecer a revolta, e permitir que se aproveite o poder persuasivo da acção dramática, para ocultar, para caluniar, as aspirações da humanidade que quer ser digna, que quer ser livre, que quer ser limpa.

Devem pois os operários não esquecer, não abandonar o grande baluarte que é o teatro e assim como certa empresa burguesa a trabalhadores, sabem opor ideias, a patacoadas, devem também criar a necessidade de opor às pilhérias do palco as ideias que veem sendo debatidas no teatro pelos verdadeiros artistas, que tais são aqueles que souberam fazer da arte, um farol de intensa luz que alcança penetrar, e acordar para a verdadeira vida, as consciências sepultadas no entulho dos preconceitos, ou na morte mil vezes terrível da ignorância.

E' necessário que os operários saibam compreender que o teatro é um campo onde se debatem ideias, mas ainda o que é mais importante, o campo onde essas ideias, por efeito da arte, se tornam vivas, aliciadoras, constituindo assim, um elemento poderoso de propaganda.

E' assim, o teatro que devem saber exigir, os trabalhadores, é assim o teatro que eles devem apoiar, revoltando-se contra a sua não existência, porque esse vazío é a prova do roubo da burguesia, que transforma um baluarte de expansão de ideias, num incentivo à risota alvar, onde o povo em vez de encontrar o motivo de uma elevação, baixa à categoria de multidão ignara, idiota.

E' contra este roubo, contra esta calúnia, que os trabalhadores se devem revoltar, criando a necessidade, como o fizeram com a imprensa, de um teatro seu, onde as suas ideias tenham forma, adquirindo expressão,

possuam aquela vida e aquele poder de comunicação que é, o segredo da verdadeira arte.

Se quiserem começar, o momento não pode ser mais oportuno.

Uma companhia, a companhia que está trabalhando no teatro Apolo, atreveu-se a meter ombros, de revelar aos operários um magnífico specimen desse teatro de que os trabalhadores tanto carecem, e contra o qual a burguesia mantém o mais pertinaz desejo de sufocar. E' uma peça a valer onde se debatem as maiores ideias do nosso século. E' a peça onde tem vida, onde fala a nossa consciência de revolucionário, a angústia do homem livre, atirado para o martírio da defesa da verdade contra todos os interesses, até os da família.

E' o choque formidável, é a luta estupefata, do ideal e dos interesses coligados, é o grito de revolta dum consciência limpa, que apoiada na ciência e na sua razão, denuncia as bases de putrefacção social onde a inteligência se perverte, a moral se amesquinha, e o povo se envenena. E' o clamor de todos os que têm uma verdade nova, e que conhecem a calúnia que sofrem todo o martírio imposto aos defensores da verdade.

Esse martírio é tão grandioso, que é o próprio povo, ludibriado como sempre, o maior inimigo da verdade, aquele que atrai pedras ao pensador que sacrifica tudo, até os filhos, à defesa da verdade que só ao povo deva interessar.

Num rasgo de suprema angústia, o apóstolo não pode conter-se, grita à multidão que o insulta:

— Imbecil!

E' preciso que os trabalhadores sintam este grito. E' preciso que compreendam que não devem abandonar aqueles que tiveram a coragem do nobre empreendimento de levar uma peça, que desagrada à burguesia, e vá ali, com a sua presença gritar que esse esforço foi compreendido, que sempre que esse esforço seja repetido ele será apoiado, e teremos com esse apoio assegurado a permanência no tablado do verdadeiro teatro, aquele que ao povo convém para a sua educação.

E' preciso que os trabalhadores não deixem morrer o seu teatro, e corram em massa a assegurar o triunfo do *Inimigo do Povo*, que a burguesia pretende sufocar...

E' preciso, enfim, que os trabalhadores saibam escutar, e saibam ver a angústia do apóstolo que foi caluniado quando queria impor a verdade e salvar o povo, e murmurar convictos:

— Não! Nós já não somos o mesmo povo que se deixou enganar. Nós possuímos bem a consciência do que queremos e temos bem sentido a visão da sociedade futura, tal como a queria o apóstolo que foi apodado de inimigo do povo.

Eduardo FRIAS

Notas & Comentários

As colónias

Sobre as colónias portuguesas pairam graves ameaças internacionais. A imprensa começa agora a dar-se conta da manobra, à qual não são estranhos alguns portugueses muito patriotas e muito venais... Há mais de um ano que nós denunciámos os pronunciamentos do assalto às colónias portuguesas, num artigo intitulado Angola em hasta pública no mercado internacional. Os patriotas entretidos a digerir nem sequer estremeram — ficaram mudos e quedos, como pedenidos. A situação hoje está agravada. O perigo é iminente, quasi irremediável.

Agora já se grita, embora se tenha o cuidado de ocultar que a origem dos perigos que ameaçam as colónias portuguesas, está na escandalosa administração do Estado, na ganância dos financeiros do Ultramarino e no desleixo de uma boa parte dos colonos.

Feliz e grato

Na admirável peça de Ibsen que se está representando no Apolo—peça digna da presença do operariado—há um personagem, o seu personagem principal, o dr. Stockman que é alvo de grandes perseguições por considerar inquinadas as águas dum estância balnear.

Alguém nos chama a atenção para o conhecido analista sr. Charles Lepierre, apontando-o como incapaz de sofrer uma perseguição por nunca ter descoberto águas inquinadas. Isso não nos admira, pois o sr. Charles Lepierre é tão feliz que nunca consegue descobrir análises desagradáveis para quem lhe encomenda. É feliz e sabe ser grato...

Caldo verde

Será verdade? Será verdade o que diz o sr. Carlos Rates num manifesto picareco, onde se lêem palavras que custam novecentos escudos batidinhos no balcão do governo civil? Será verdade que um dos dirigentes mais conceituados do P. C. mal sabe escrever algumas linhas sem gramática? Será verdade que esse dirigente, num relatório de uma missão ao Porto, apenas soube dar destaque a um facto: o caldo verde? Caldo verde, hein?.. Seu maroto...

Livros novos

Castelo de Moraes, conhecido jornalista, acaba de publicar um livro interessante intitulado *Sangue Bárbaro*. É constituído por uma série de contos que vamos ler com a curiosidade e a atenção que o autor nos merece.

A arte e os artistas

O pintor Adriano Costa abre brevemente uma exposição de pintura, na qual apresenta cerca de trinta quadros, reproduzindo lindos trechos de Torres Novas, Castelo de Lido, Vila Franca, Caparica, etc. O conhecido pintor ofereceu à Casa dos Jornalistas um dos seus melhores quadros

UM NOVO EMPREENDIMENTO

A Cooperativa dos Chauffeurs do Sul de Portugal vai pôr em circulação 10 “taxis”, diz-nos José Vilela

Os serviços de viação urbana, mercê da introdução em Portugal dos automóveis-táxis, é hoje entre nós alguma coisa de importante. Esse melhoramento deve-o a cidade a uma pleiade de chauffeurs que para vencerem a dureza do empreendimento sacrificaram até o pão de suas famílias.

Primeiramente foram aqueles rapazes, que actualmente formam a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs, pondo em circulação 30 carros, marca «Citroën». Agora é um grupo de chauffeurs, muito conhecidos do nosso meio automobilista, não menos corajosos do que os primeiros que se arroja ao empreendimento de pôr em circulação 10 novos «taxis», marca «Le Zebre», a preços de harmonia com a tabela aprovada pela Câmara Municipal, a mesma por que se regulam os «Citroëns».

Para que os leitores ficassem com uma ideia exacta da importância do gesto destes rapazes, fomos ontem ouvir um dos mais entusiastas, o chauffeur José Vilela, espírito vivo e conhecedor dos meandros da nova organização de «taxis».

A entrevista realizou-se no Café La Gare, quando este estabelecimento regorgitava de chauffeurs. Assim que manifestamos os nossos desejos, José Vilela informa-nos:

— Um grupo de colegas meus, daqueles que discordaram ultimamente da orientação da nossa Associação de Classe por razões sobejamente conhecidas, pensaram criar uma cooperativa semelhante aquela que é proprietária dos «Citroëns», à qual deram o nome de Cooperativa de Chauffeurs do Sul de Portugal, cooperativa que faria a aquisição de alguns carros para serviço de «taxis», marca «Le Zebre».

— Em que bases se faz a vossa organização?

— Dentro do espírito da lei que regula estes organismos, como não podia deixar de ser. Apenas cada chauffeur, que queira fazer parte da cooperativa terá que entrar com a importância de 5 contos, quantia com que fazemos face aos encargos provenientes da aquisição dos carros.

— Agora calcule o meu amigo os esforços que lhe mistar fazer cada um de nós, pobres-tantas como somos, para adquirir 5 contos que garantissem a nossa entrada na cooperativa!

— Qual é o número de fundadores?

— Calculo em 40, número considerável se atendermos às condições de inscrição que, como ficou dito, são difíceis. Com esses 250 contos julgamo-nos, então, habilitados a adquirir 10 carros marca «Le Zebre», que no princípio de Janeiro devem ser postos em circulação com os serviços feitos pela tabela da Câmara.

— E' boa a marca «Le Zebre»?

— Da melhor que há. Os carros são mais confortáveis do que os existentes, tendo ainda a vantagem de possuírem 5 lugares.

— E' minha a certeza de que o público, que é merecedor dum bom serviço de automóveis, nos dispense o acolhimento desejado para levarmos de vencia a nossa empresa. E se tenho essa certeza, é porque sei que os nossos carros têm vantagem sobre todos os outros.

— O que pensam os patrões a vosso respeito?

— O que é de calcular. Esperam, no entanto, que a Câmara Municipal lhes conceda um aumento de 50 %, de preço na actual tabela e para os carros grandes, a fim de fazerem o serviço por taxímetro e derrubarem assim os carros pequenos.

— Se a Câmara aprovar esse absurdo será a morte dos carros pequenos e o princípio do desaparecimento dos automóveis-taxímetros.

A fechar a entrevista:

— Pode dizer aos seus leitores que a partir de Janeiro os «Le Zebre» estarão na praça e que os seus chauffeurs dispensarão ao público a atenção que este merece quando precisa de ser servido.

— Há ainda uma coisa que não convém esquecer: E' que nós não estabelecemos fardamentos, usando um bonet uniforme e um fato comum. Entendemos que a condição para servir o público é andar aceso e é isso que garantimos respeitar...

Uma informação importante: Além doutros automóveis que fazem serviço por taxímetro, Lisboa em Janeiro terá os seguintes «taxis»: 30 «Citroëns», 10 «Renault» e 10 «Le Zebre», num total de 50 carros.

Foi encarregado Doumer de formar governo

PARIS, 25. — Tendo o sr. Briand renunciado a organizar gabinete em virtude dos socialistas se recusarem a participar dum gabinete de larga concentração republicana, o presidente Doumergue encarregou o senador Doumer de formar ministério.

Solicitados pelos radicais-socialistas a tomar parte no novo governo, os socialistas, após cinco horas de deliberações, declararam-se dispostos a assumir o poder, só ou em certas condições, com os partidos democráticos que os acompanham.

O grupo radical-socialista aprovou uma moção afirmando estar pronto a assumir o poder, tomando a direcção efectiva da política francesa.

Por seu lado o grupo radical deliberou opor-se a um eventual gabinete Doumer.

Nos círculos políticos duvida-se que o senador Doumer possa organizar governo, mencionando-se de novo o nome do sr. Herriot como o do candidato com maiores probabilidades de formar ministério.

Conflito entre a Irlanda e a Inglaterra

DUBLIN, 25. — O ministro do Interior do Estado Livre da Irlanda, sr. Macneil, apresentou a sua demissão em virtude das divergências que se levantaram sobre a fixação da fronteira entre o Ulster e o Estado Livre.

Nos círculos políticos de Dublin discute-se a possibilidade das relações com a Inglaterra se tornarem muito tensas, por motivo daquelas divergências.

A BORDO DO «JUNKERS»

O encantador panorama da cidade e da paisagem, que o circunda visto a 500 metros de altura

Voar, cruzar o espaço num aeroplano, qual águia gigantesca, é uma temeridade a que só o arrojo do homem se expõe, a que só o desprendimento da Vida pode dar origem.

Voar, gosar o inefável prazer de dominar o espaço com segurança e disfrutando do necessário conforto, é uma bela fantasia de que é fértil a imaginação humana.

Entregues a estas conjecturas, quantas vezes nos assombram os arriscados vãos desses moços aviadores que num anseio de perfeição, passam quasi diariamente sobre as nossas janelas. Mergulhados em téntricos pensamentos, quantas vezes choramos a sorte desses intrépidos rapazes que em lances perigosos têm feito «raids» assombrosos!

Voámos ontem pela primeira vez. O nosso baptismo do ar foi recebido no gigantesco avião «Junkers». Dos dois convites amavelmente feitos pela Empresa Técnica Industrial à Batalha coube-nos um.

Voar, cruzar o espaço num aeroplano, não é uma temeridade. Voar, gosar o inefável prazer de dominar o espaço com segurança, disfrutando do necessário conforto, não é uma bela fantasia, é já hoje uma grande realidade, é já hoje um facto quasi banal!

Esta sensação foi ontem experimentada por nós, foi ontem vivida pelos representantes da imprensa, com grande alegria, com infinita satisfação.

Quando às 14,30, horas, o magestoso aparelho descolou de Alverca conduzindo-nos a bordo já a sensação de medo que precede os grandes cometimentos se principiava a extinguir.

O «Junkers», de construção metálica, com um salão para 10 passageiros, onde se realina uma perfeita associação todo o conforto e toda a magnificência, descolou-se de Alverca num movimento tão suave que já nos encontrávamos a 200 metros de altura e ainda alguns dos nossos felizes companheiros de viagem julgavam que o aparelho pisava o solo.

A 500 metros de altura, já então sobre a cidade, o «Junkers» permanecia sereno, produzindo de espaço a espaço umas pequenas ondulações logo suspensas pelo regresso à posição anterior.

Nem um calafrio, nem a menor sensação de medo passou até à data pelos passageiros do famoso aparelho suco. A bordo a curiosidade de avistar um edifício nosso conhecido, de admirar os encantos da paisagem a preocupação dominante.

Segundo informações que colhemos o gigantesco avião que está em Alverca destina-se às carreiras aéreas entre Madrid e San Sebastian.

A. M.

ATRAVÉS DA ÁFRICA

Evocam-se os velhos tempos dos escravos, do ouro e do marfim...

Como quatro séculos de administração desgraçada explicam o atraso da provincia da Guiné

Em todos os tempos sempre foi a riqueza o principal factor que norteou os olhos deslumbrados da direcção da Africa.

Também alguns vieram e ainda vêm seduzidos pela aventura, outros empurrados por qualquer desdita que lhe tornou a existência, ou impellidos por aquela doentia curiosidade que perturba numa quasi doce inquietação; mas a maioria veio no rastro da almejada riqueza—riqueza que no passado foi representada, principalmente, pelo comércio de escravos, e que na actualidade tem a sua base na agricultura.

Ora se a Guiné se nos apresenta, há tanto tempo, como terreiro onde se chocam tantas ambições e desde longos séculos ocupada pelos portugueses como é que permanece estacionária até outro dia e neste momento ainda patenteia claros vestígios desse atraso e desorganização?...

Foi a Guiné descoberta há quasi quinhentos anos, no primeiro período das jornadas marítimas, entre os anos de 1440, 1446, tendo concorrido para esta empresa homens do mar, aventureiros uns, exploradores outros, todos ao serviço do Infante D. Henrique, que instalado no promontório de Sagres—ou no Cabo de São Vicente—do Algarve iniciava e dirigia os negócios de Africa. Foram diversos os navegadores que concorreram para a descoberta da Guiné, reconhecendo algumas regiões da costa, citando-se os nomes de Baldoy, Diniz Fernandes, o veneziano Cadamosto, Antão Gonçalves e Nuno Tristão, possivelmente cabendo a este último, no ano de 1446, o papel proeminente.

Já alguns anos antes da descoberta definitiva, al por 1441, Antão Gonçalves e Nuno Tristão haviam regressado ao Algarve, dum das suas constantes viagens a esta costa de Africa, tendo levado ao infante de Sagres as primeiras amostras de escravos negros cativos e de ouro em pó, mercadorias que logo levantaram na corte um clamor de ambição e cobiça, ante a miragem de mil riquezas entesouradas nessa Africa cada vez mais misteriosa.

Era um deslumbramento essa visão de fantásticas riquezas que desvairava uma corte de fidalgos mercadores, alguns dos quais, comemorando os feitos, pelos tempos fora, não desdenharam esculpir nos seus braços de prata as cabeças estilizadas de escravos negros.

D. Henrique rejubilava ante as notícias que lhe traziam, garantindo a existência das terras povoadas e ricas do negro continente, terras em que logo deliberou fundar grandes mercados de ouro, escravos e marfim, e através das quais até supôs, erradamente, divisar o sonhado caminho terrestre das portas da Índia.

Que importava que essas terras já tivessem donos que nelas viviam segundo seus usos e leis da sua Natureza?!

O arbitrio da força e os acasos da audácia não reconhecem outros direitos; e a tranqüilidade da consciência, essa tinha-a,

Agora é o Campo Pequeno com as suas edificações burguesas, logo a Estrela com o zimbório, pequenino e estático, depois o Rossio com os seus pavimentos em construção e, alguns segundos passados, Poço do Bispo com as suas bizarras construções fica a perder-se na paisagem bucólica que já embevece os 10 passageiros dos «Junkers».

A sensação mais forte de todo o voo, vive-se exactamente no momento em que o aparelho está em posição oblíqua, isto é, quando descreve uma curva apertada.

O solo, as edificações, tudo que se ergue sobre a terra dá-nos a impressão de que está em posição igual à do aparelho.

Porém, ao invés do que é legítimo inferir, o passageiro dentro do aparelho conserva a mesma posição e só da pela inclinação quando olha o solo.

Toda a paisagem, a casaria, os seres, os meios de transportes passam sob o avião, que orgulhoso do seu triunfo vai vencendo o percurso, como coisas pequeninas, como pignões dignos de lástima.

Os cambiantes dos jardins, dos prédios, das avenidas têm uma nota mais viva, dum vivacidade que empolga, dum sabor pictural que deslumbram.

As maravilhas de que o solo é fértil tendo uma fisionomia pequena apresentam um colorido forte que enebria.

Com o aperfeiçoamento dos aviões «Junkers» já não devem causar sobressaltos as grandes viagens aéreas porque elas podem realizar-se com a máxima segurança, com um conforto que não possui o próprio «Sud-Express». Viajar em «Junkers» já não pode provocar o menor receio porque oferece todas as garantias de estabilidade e evita a mágoa de qualquer passageiro ter que testamantar quando queira subir...

Foi esta a convicção com que aterámos em Alverca, vinte e cinco minutos depois do «Junkers», ter magestosamente cumprimentado a população da cidade que maravilhada o saudou.

O «Junkers» parte amanhã para Sevilha, regressando ao sábado a Alverca. Neste dia ou na próxima segunda-feira o aparelho levantará voo com os representantes da imprensa que ontem não foram contemplados.

Segundo informações que colhemos o gigantesco avião que está em Alverca destina-se às carreiras aéreas entre Madrid e San Sebastian.

A. M.

Teatro Apolo HOJE HOJE
A peça de H. Ibsen

UM INIMIGO DO POVO

Protagonista filipe da Cunha, principal papel
feminino Berta Borge. Repartição dos artistas
Emília de Araújo, H. Sacramento, C. de Oliveira
e H. Melo.

diluíam-se na ocupação das praças de Marrocos, essas efêmeras conquistas da África mediterrânea, o deslumbramento trágico de toda a dinastia de Aviz.

Com o início do século XVI todas as cabeças se piovam das quimeras e dos sonhos da Índia, e quasi se pode dizer que todo este século não chega para contar essa enorme vaga de aventura e ambição que alastra por terras do Oriente e do Brasil, epilepsia de grandezas onde, por vezes, refulgem belas páginas de inúteis sacrifícios e loucos heroísmos, mas que toldara a visão das realidades, exagerando as forças dum pequeno país.

Ao fim deste século, após a tragédia de Alcázar Kibir, ao assomarem em Portugal as sombras negras dos Filipinos, quem se lembrava já da Guiné?

Quando em 1640 Portugal retomava a independência, quasi dois séculos depois da descoberta da Guiné, esta apresentava a mesma situação, apenas mais desalçada na sua população pelo tráfico intenso da escravidão, o comércio corrente em todo o mundo.

Nesta mesma data são abandonadas as feitorias, sendo o comércio dos escravos concedido, mais tarde, à companhia de Cacheu e Cabo Verde, fundada em 1690. Depois, a vida da Guiné arrasta-se nas mãos de companhias exploradoras, cortada de incidentes, dirigida por governos subalternos, com uma história que nada encerra de progressivo, resumindo-se a sua actividade no comércio de escravos, enquanto não foi abolida a escravidão, e sempre entregue à sua sorte, quasi abandonada dos governos metropolitanos.

* * *

Examinando livros ou apontamentos que dizem respeito às mais antigas povoações, como Cacheu, Farim, Bolama e Bissau, nada encontramos que dê notícia dum sistema de administração, ponderado e inteligente, antes tudo confirma a perfeita esterilidade da ocupação portuguesa durante os primeiros quatro séculos do seu domínio.

Em Cacheu, que tudo indica ser o primeiro centro de ocupação, não há vestígios de qualquer grandeza — a não ser a menção da decisão e galhardia dum governador chamado Honório Barreto que meteu na ordem um oficial inglês malcriado. O resto tudo ruínas, pó, e a tradição de constantes lutas com indígenas, com franceses, com espanhóis e holandeses.

Farim, hoje pitoresca vila, outro centro dos mais antigos, que teve e tem importância comercial, também nada nos diz que ateste no passado qualquer acção energética e decisiva; antes pelo contrário, pouco se recomendam as lutas de que várias vezes foi teatro, entre portugueses e indígenas, nomeadamente da raça «mandinga».

Bissau, a cidade que actualmente tem mais importância comercial a pesar da sua fortaleza meramente decorativa e das fortificações que até há poucos anos existiam, é ainda o mais palpável documento do desleixo nacional. Punitivamente um presidio sem importância, depois praça de guerra, a sua população viveu até outro dia assediada no apertado cinto das suas muralhas a cujas portas constantemente vinham bater os «papéis», indígenas dos mais ousados e cruéis.

Nem o permanente sacrifício da população, exposta aos perigos que lhe ofereciam os pântanos e os belicóssos indígenas, tampouco a magnífica posição topográfica que a cidade oferecia e oferecia para o comércio marítimo, conseguiram mover a piedade ou a inteligência dos governantes de então, e a cidade prosseguiu esquecida pelos poderes centrais.

Pelo que é respeito à vida municipal — o sistema mais pratico e liberal de que os antigos lançaram mão para sua defesa e dos burgos locais — também esse aspecto aqui falhou inteiramente. Aparece em Bissau o primeiro organismo municipal em 1855, chamando-se Comissão Municipal da Guiné, sob a presidência do governador militar Honório Barreto, funcionando no forte de São José; do mês de Julho daquele ano são as suas primeiras posturas e o seu primeiro orçamento na importância de 824 mil reis.

Depois de diversas fases, passou a Câmara a ser eleita, sendo depois extinta em 1891; e desde esta data até 1910 deixaram de existir quaisquer organismos municipais, com prejuizo dos problemas respectivos.

Várias vozes se ergueram, como a de Honório Barreto e Caetano Nosolini, pedindo providências; mas tudo eram brados no deserto. Tal era a situação que Mendes Coutinho, em 1853, e Travassos Valdez, em 1864, nos seus relatos optimistas não poderam occultar que Bissau não passava duma povoação mal alinhada com algumas casas-palhoças, outras de barro mas bem coucas de sólida construção.

Note-se que isto succedia há meio século! Pelo que respecta a Bolama, a capital oficial da provincia, embora a cidade seja um pouco melhor do que Bissau, qualquer conforto que ali se nota é de data recente e nada depõe a favor do passado. De resto, para avaliarmos quanto é recemissima a sua acção, como centro de onde irradiava toda a organização provincial, basta considerar que só em 1870 o presidente dos Estados Unidos da América pronunciou a sentença arbitral reconhecendo os direitos de Portugal à soberania da ilha de Bolama, no célebre litigio com a Inglaterra — muito embora os portugueses de lá muito estivessem na posse, de facto, alegando os direitos: da descoberta, a diávia do regulo de Guinãla em 1607, a posse solemne em 1753, e a ocupação militar daquela ilha em 1830.

Toda esta divagação através da História, dos compendios de diversos autores, e nos apontamentos directamente achados nalguns arquivos que vou visitando, serve para demonstrar que nos quatrocentos e tal anos após a descoberta, os governos da metrópole completamente abandonaram a Guiné ao seu destino, sem estradas, sem navegação, sem economia, sem fomento, sem instrução, sem hygiene, sem simulacro de prestigio interno que impedisse ou atenuasse essas lutas sangrentas em que se envolviam e cizimavam as diversas raças indígenas que ainda hoje estimam o seu ódio — sem aquele prestigio que até algumas vezes faltou em questões de caracter internacional, como nessa célebre delimitação de fronteiras convencionalizada em Paris em 1886, que deu a s. francesas a posse dos rios Carmanza ao Norte e Nomes ao Sul, com todas as vantagens de comércio indígena que daí derivaram, e que nessa data representa-

vam um principio de ruína para a Guiné portuguesa.

Entim, em mais de quatro séculos a obra colonizadora na Guiné foi a que apontamos nesse quadro que, com rigorosa verdade, ainda poderia ser pintado a mais negras cores.

Ao principio — como escreveu Oliveira Martins — ainda a Africa era conhecida, ao menos, como um armazem de gentio preto, bom para a cultura do açúcar e para exportar para as minas americanas; depois vêm alguns emissários dos governos e missionários da igreja com a tentativa do reconhecimento do interior, mas desistem ou falham na sua missão, e no final patenteia-se completo o alheamento, devido à absorção em que em Portugal e toda a Europa se andava, pelo aparecimento das teorias e debates da politica liberalista, e pela nova faina industrial determinada pelas descobertas mecánicas.

Finalmente, só em 1879 a Guiné foi elevada à categoria de provincia, desanexando-se de Cabo Verde; mas as lutas sangrentas e constantes com as diversas raças indígenas — umas vezes com os fulas, outras com os mandingas, outras com os balantas, outras ainda com os pepéis — não permitiu o seu desenvolvimento agrícola nem uma administração normal.

Foi esta a situação em que o regime republicano veio encontrar a Guiné quando em 1910 tomou posse — nem salubridade, nem fomento, nem estradas, nem instrução. Quasi quinhentos anos nem, ao menos, tinham chegado para uma pacificação que permitisse a europeus e indígenas um trabalho progressivo e consolador.

Um vasto continente rebelde e selvagem, minado de febres e de rebeliões, sem dinheiro, sem ordem, sem administração — eis a Guiné de há vinte anos. E nestas considerações encontrará o leitor bastantes causas para justificar o estacionamento, todas as crises e deficiências da sua vida actual. Em successivos artigos eu noticiarei o que vi e ouvi sobre os maiores problemas do futuro.

Mar da Africa.
Setembro de 1925.

Juliano QUINTINHA

1.º Congresso Nacional dos Serviços de Saúde

Reuniu a Comissão Executiva deste Congresso, que reúne em Lisboa nos próximos dias 28, 29 e 30 do corrente, sendo a sessão inaugural no próximo sábado às 21 horas, no Palácio do Comércio, rua Eugénio dos Santos, 89, tendo registado diversas adesões individuais e a adesão da comissão organizadora da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais de Évora que envia já a este Congresso os seus delegados.

Os congressistas devem estar munidos de bilhetes de admissão no Congresso e apresentá-los nas estações dos Caminhos de Ferro do Estado pois que a Administração Geral concedeu aos congressistas 50 % de redução nas suas linhas, começando a venda no dia 27 e validos os bilhetes até ao dia 2 de Dezembro, não tendo a C. P. concedido qualquer redução nas suas linhas.

Estão sendo distribuídos bilhetes de admissão.

A guerra civil na China

PEQUIM, 25. — Recomeçaram as hostilidades entre as tropas do general Feng e as do marechal Chang-Tso-Lin, a pesar do armistício que havia sido concluído.

O general Feng é largamente censurado por ter recomeçado as operações militares, rompendo o pacto que assinara.

Corre o boato de que as tropas de Mukden se revoltaram contra Chang-Tso-Lin e que o marechal se acha prisioneiro das suas próprias forças.

AINDA ESTA SEMANA

Inauguração do novo edificio
— DO —

Teatro do Gymnasio

em que é director-gerente
o aplaudido actor

GIL FERREIRA

«Reprise» da peça há 25
anos representada

com absoluto successo

GUERRA

AO

VINHO

em que reaparece
a querida actriz

Bárbara Wolkart

que criou o papel
de

SUSANA SWEET

NA MARINHA GRANDE

Os sanguessugas da Fábrica Nacional e um professor duma disciplina que não existe

Grande novidade vamos dar aos leitores: A Fábrica Nacional tem mais uma ulcera, a corroe-lhe a carcaça, já tão chupada, por moléstias várias. Sobrevoia mais uma complicação, e agora já a Escola Industrial mete botes.

Doa a quem doer, sofra quem sofrer, mas o que se tem é de criar dentro das dependências da fábrica, uma oficina, para a Escola, que tem um funcionamento muito interessante, e que visa, a criar grandes e amestrados artefices, para a lapidação do vidro.

Como se conhece, a simpatia que a Escola pode ter, adaptando indivíduos a tão curioso e difícil mister, e sabendo os videlinhos, que a razão de ser das Escolas Industriais reside precisamente nesta qualidade de adaptações, resolveram criar uma pseudo disciplina que não existe, mas que se supõe em plena laboração pagando a um professor, que nada faz... já se vê. Ora semelhante cousa não se pode admitir!

O professor, é o lapidário Joaquim de Oliveira, — bom artista — homem de maus ligados, reacção de espirito tancanho, e lingua depravada.

Por mais de uma vez, tem ameaçado o correspondente de «A Batalha», simplesmente, por sabê-lo autor de várias locais contra seu filho, outro sanguessuga de se lhe tirar o chapéu.

Há tempos a esta parte, não tem tido o mesmo mudo, muito atencioso, com o gesto menu da Escola Industrial da Fábrica Nacional.

Não ensina ninguém, mas tem para fazer ver a qualquer pessoa que queira apreciar os triunfos da Escola, dois lapidários que mostram um edificio, muito mal lapidados, dizendo ser aquilo que faziam, quando começaram aprendendo, e outros bem, para fazerem prevalecer as qualidades de ensino de um professor, — que nada ensinou, pois os cidadãos lapidários já há alguns anos trabalhavam naquela profissão.

O grande mestre da capitação, Joaquim de Oliveira, vai então dar o ponto a uma hora, à secretaria da escola, volta em seguida para a oficina, onde fica a olhar para... as moscas.

Em compensação tem as duas mesadas fixas, de maneira que por esta forma temos ocasião de vermos dentro em breve a lapidação portuguesa em pleno campo de competições com o estrangeiro.

Enquanto este lapidário tem uma tal situação, enquanto o seu filho continua a ganhar, por nada produzir, os operários da Nacional estão ao alto, por não terem que fazer.

São estas e outras cousas que dificultam dum modo geral a vida e o progresso dos estabelecimentos do Estado.

A Fábrica Nacional é prejudicada porque paga a um pseudo-operário que não trabalha, a um tesoureiro que nada tem que fazer e o Estado tem um sanguessuga que lhe leva 70000 mensais, sem nada ensinar.

A Escola Industrial criou-se para radicar a instrução técnica e para encher o papo a meia dúzia de pantagruelicos. Ou bem que se é professor na Escola Industrial ou lapidário na Nacional.

As duas cousas a um tempo, não. Consentir-se que — quando a Fábrica Nacional atravessa uma crise tamanha que a pode levar à paralisação total — haja dois empregados que recebem sem produzir, e pretendem-se complicar a ruína à mesma, que irá necessariamente conduzir à miséria duzentos chefes de família.

Que se tome em atenção este facto, e que se ponha còbro a semelhante anomalia, caso contrário traremos para estas colunas, uma a uma, todas as cousas que têm originado a queda de tão importante estabelecimento.

Nada de cacharotes com a Escola Industrial.

A Escola e a Nacional são estabelecimentos de funções bem distintas, logo por conseguinte não se concebem ligações por mais inofensivas que elas pareçam.

O sr. Joaquim de Oliveira é empregado da Nacional, é diário, por consequência não se concebe que nas mesmas horas tenha que passar por professor duma disciplina que não existe.

Se a Escola Industrial, nem sequer tem uma sala-officina, como se compreende que dentro da mesma se possa ensinar tecnicamente?

Admitindo mesmo que a Escola tivesse pedido autorização para o funcionamento da disciplina de lapidação, o sr. Joaquim de Oliveira teria que deixar imediatamente de ser empregado da Nacional.

A Fábrica Nacional parou temporariamente e precisa de economia.

Atendendo a este facto primordial, os directores da Fábrica não devem deixar perdurar semelhante escândalo. — (E).

MALAS POSTAIS

Pelo «Desplex» são hoje expedidas malas postais para Dakar, Guiné, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo às 7 horas, a última tiragem da caixa geral.

EDEN
TEATRO
Telef. N. 3800EXITO COLOSSAL
HOJE, às 9 h 1/4NO PAIZ
DO
TIRISMO

NUMEROS REPETIDOS

Linda música

Agradado unanime

Coliseu dos Recreios

HOJE-2 SENSACIONAIS ESPECTACULOS 2-HOJE

A's 15 horas

Grandiosa «matinée» elegante

A' NOITE

Sensacional e emocionante estreia

DE

4 ferozes tigres 4 e uma leoa

apresentados pelo celebre e arrojado

domador

Franchi

Extraordinária e incomparável triumpho da

BOLA MISTERIOSA

O mais interessante espectáculo de Lisboa

Contra as deportações e prisões sem culpa formada

O protesto do operariado e de todas as consciências rectas contra o maior de todos os crimes da república — as deportações sem julgamento e as prisões por tempo infinito sem culpa formada — avoluma-se. O poder, esse poder arbitrário, mantém-se mudo e quedo ante as objurgatórias, e como qualquer facinoroso inato, parece não sentir pesar-lhe na consciência o remorso de ter provocado a morte bárbara dalguns deportados e a tuberculização de muitos presos que há longos meses se encontram nos calabouços das esquadras.

Protestaram já várias instituições reconhecidas como austeras e insuspeitas, pronunciaram-se 60 intelectuais, mas o governo continua indiferente, numa indiferença que é cumplicidade e subserviência às imposições disparatadas e perversas dum qualquer chefe de esquadra.

Contra todas estas arbitrariedades realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de protesto em que farão uso da palavra vários jornalistas, gráficos, delegados da C. G. T., Comissão Pró-regresso dos Deportados, Câmara Sindical do Trabalho, Juventudes Sindicalistas e Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal e Similares.

Esta sessão, que é promovida pelo Sindicato dos Impressores Tipográficos, realiza-se na sua sede, calçada do Combro, 38-A.

A sessão de hoje

Hoje, pelas 21 horas, no vasto salão da Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, realiza-se uma grande sessão de protesto contra as deportações sem julgamento e prisões sem culpa formada.

Esta sessão é promovida pelo Sindicato dos Impressores Tipográficos que ontem fez distribuir profusamente um bem elaborado manifesto, ao qual já fizemos larga referência.

O proletariado que deseja ardentemente aniquilar todas as iniquidades não deve hoje faltar a esta sessão, onde usará da palavra varios oradores.

Aos Trabalhadores do Livro e do Jornal e Similares

A Federação convida os componentes de todas as classes da industria a assistirem à sessão que o Sindicato dos Impressores Tipográficos realiza hoje, demonstrando assim a sua repulsa contra as desumanidades de que o proletariado vem sendo vítima.

Uma sessão no S. U. Metalúrgico de Lisboa

Na sede do S. U. Metalúrgico, rua da Esperança, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda contra as deportações, na qual usará da palavra delegados da C. G. T. e da Comissão pró-regresso dos deportados.

IMPRENSA

«Neptuno»

É o título duma revista mensal que a Liga dos Officiais de Marinha Mercante acaba de lançar à publicidade e cujo 1.º numero referente a Novembro acabamos de receber.

Apresenta um belo aspecto gráfico com bom papel de texto e capa em couché a cores.

Trata apenas assuntos corporativos.

Quedas

A' enfermaria de Santo António do Hospital de São José recolheu João Dantas, de 30 anos, descarregador, residente no bico da Bempostinha, 4, pálio, porta 8, que caiu em Entre Campos, quando atravessava a linha ferrea, fracturando uma perna.

No pósto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço foi pensado recolhendo depois a casa, João Augusto de Sousa, de 26 anos, natural de Lisboa, descarregador, residente na rua da Esperança, 160, que caiu a bordo de uma fragata fundeada no Cais do Sodré, ficando ferido na cabeça.

TEATRO SÃO CARLOS

HOJE E TODAS AS NOITES

prossigue na sua brilhantissima carreira a mais admirável de — todas as peças —

O PRINCEPE JOAO

onde têm notabilissimas criações os artistas

LUCILIA SIMÕES

E

SAMUEL DINIZ

— Ensenação da professora —

LUCINDA SIMÕES

SOLIDARIEDADE

Na Associação dos Descarregadores do Porto de Lisboa

É hoje que se realiza, pelas 20 horas, na Associação de Classe dos Descarregadores do Porto de Lisboa, na rua dos Anjos, 161, 1.º, uma grandiosa, festa do fado em homenagem ao conhecido cultivador de fados Estanislau Cardoso. O programa, cuidadosamente escolhido, consta dos seguintes números:

1.ª Parte — «Conferência sobre o fado», pelo poeta Luis Azevedo Sameiro.
«Um acto de variedades» por distintos amadores e amadoras que gentilmente se prestaram a colaborar neste sarau.

«Solo de viola» pelo professor de viola sr. João da Mata Gonçalves.

2.ª Parte — «Variações à guitarra», pelo apreciado dedilhador Salvador Freire, acompanhado à viola pelo apreciado Georgino de Sousa.

Canção Nacional, pelos poetas populares José Junça, Aníbal Duarte, João F. dos Santos (Espanita), José António da Silva (Bacalhau), Jilão Janota, Quintinhas Bombeiro e o improvisador Manuel Maria.

Por especial deferência para com o homenageado, presta-se a cantar nesta festa o poeta Manuel Soares (Intendente), ha muito afastado.

3.ª Parte — «Variações à guitarra» pelo gentil guitarrista Virginia Peres, que deliciar a assistência com variações do seu repertório, acompanhada à viola pelo seu pai Amadeu Peres.

«Canção Nacional», pelos cultivadores Joaquim Campos, Raúl Coia, Jilão Prouença, Raúl Beringuel, Alfredo dos Santos, Armando Tavares, Mário Martins, Fausto Ferreira, António Lado, José Jilão, Raúl Jacob.

Vitorino Luís e Manuel Portugal cantarão a duo uma cantiga alusiva ao acto.

Toma parte nesta festa o aplaudido cultivador em jocosos e poeta Armando Barata e os irmãos Carvalhinhos e espera-se a comparsa do guitarrista «Armandinho» e o seu viola «Abel Negrão».

Os acompanhamentos para o fado serão feitos pelos guitarristas Américo dos Reis, acompanhado pelo viola José Nunes (José Russo), Eliseu Marinhães e seu viola Pedro Delú.

CONFERÊNCIAS

Universidade Popular Portuguesa

Na sede desta Universidade, rua Particular à rua Almeida e Sousa, realiza hoje o dr. sr. Jilão Eduardo dos Santos, uma conferência de propaganda da causa da protecção aos animais, primeira de uma série promovida pela Sociedade Protectora dos Animais.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2500.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5500.

A Revolução em Portugal: comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6500.

O Primeiro Congresso Feminista e de Educação (ilustrado), por Arnaldo Brasil. Preço 10500.

A Ceia dos Pobres (episódio dramático em verso), por Campos Lima. Preço 2500.

Sentidas de Lirismo e de Amor (novelas), por Ferreira de Castro. Preço 3500.

Os Três Milagres do Convento (contos), por António Passos. Preço 5500.

A História do Movimento Macanista (Revolução dos camponeses na Rússia dos Soviéticos), por Archinoff. Preço 10500.

A' venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

A questão da pesca

As associações da classe piscatória da Nazaré, reunidas em assembleia geral, deliberaram enviar ao ministério da Marinha um telegrama protestando contra os prejuizos incalculáveis causados pelas traineiras a vapor espanholas com o criminoso emprego da dinamite destruindo o peixe e ameaçando levar o povo da Nazaré à miséria se não fôrem dadas prontas e energias providências.

De Vieira de Leiria também a classe piscatória, pede em telegrama ao ministro providências contra as traineiras espanholas que enxameiam aquela costa, com grave prejuizo da industria piscatória portuguesa, pedindo para que seja intensificada a fiscalização da pesca para se evitar que se repita o flagelo dos anos anteriores.

NOTICIAS VARIAS

Na enfermaria de Sousa Martins, do hospital de São José, deu entrada, Vicente dos Santos Gregório, de 24 anos, canteiro, natural e residente em Covões, freguesia de Montelavar, (Cintra) que quando examinava uma pistola a arma disparou-se indo o projectil ferir-lo no pescoço.

— Deu entrada na Sala de Observações do Banco do hospital de São José, em estado grave, José Farinha de Jesus, de 32 anos, bofetineiro dos Telégrafos residente na travessa São João da Praça, 19, 4.º, que no edificio da Administração Geral dos Correios e Telégrafos, na rua Alves Correia, tentou suicidar-se.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo e seguiu para casa, José Carlos Canhão, de 60 anos, guarda-freio dos electricos n.º 358 residente na rua do Sol ao Alto do Pina que, num electrico da linha do Arcoiro, foi, na Estrada de Sacavem, agredido por um passageiro, ficando ferido no rosto.

TIVOLI

TEL. N. 3171

A's 3 horas — A's 8 h. 3/4

A destruição de Troia

2.ª e última jornada do super-film

A ILIADA

Extraordinária realização cinematográfica do celebre poema de Homero

O interessante documentário

Primeiro Match Ibero do Atletismo

Duas ciné-farças

COM

Uma revista de elegancias

A ILIADA passa no écran às 3,35 e 9,25 h.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Reclames

A récita da moda, ontem realizada no Nacional, provocou dois significativos acontecimentos dignos de registo nesta secção: o regresso àquela casa de espectáculos das mais illustres e distintas famílias e o convencimento por parte de um publico culto e ilustrado de que a interessante e sensacional comédia, ali em scena, «As duas metades», é uma peça absolutamente a caráter para a Casa de Garrett, lindamente posta em scena e representada com uma grande elevação, com uma absolutissima probidade artistica, com um brilho, uma intensidade e uma leveza que honra os seus intérpretes, quer nos grandes, quer nos pequenos papéis, salientando o trabalho magnifico, sobre o qual a critica teve os maiores elogios, de Ester Leão e Clemente Pinto, dois novos de talento, que os velhos sabem amparar e proteger e que conquistam desta feita a sua reputação máxima ao lado de Maria Pia, Palmira Tórras, Albertina de Oliveira, António Pinheiro, Luis Pinto, Ribeiro Lopes e Joaquim de Oliveira.

«As duas metades» repete-se hoje.

— Confirma-se todas as noites o êxito formidável que está obtendo no Apolo a notabilissima peça do prestigioso grande escritor Henrik Ibsen «Um Inimigo do Povo», outra brilhante corôa do eminente artista José Alves da Cunha que tem um trabalho notabilissimo na interpretação do papel do dr. Stockman, secundado da maneira ultra-brilhante de todos os artistas.

— Diz-se que o espectáculo desta noite no Eden Teatro se realiza com a revista «O António Carneiro e João Saraiva, «No país do trisismo» é garantir mais uma encheite ao elegante teatro e um mar de aplausos as scenas mais populares e interessantes e nos números mais salientes em especial naqueles que são primorosamente interpretados pelos artistas Cremilda de Oliveira Justina de Magalhães e Henrique Alves.

A BATALHA

A integridade dos salários tem merecido os sacrifícios de todos os operários em greve

A LUTA CONTRA A BAIXA DE SALÁRIOS

Enquanto os industriais procuram baixar os salários, o comércio levanta o custo da vida

As circunstâncias—traduzidas na insaciável sede de lucros dos que mercadejam os artigos indispensáveis à vida—desmentem a asserção pretensamente justificativa duma baixa de salários, usada pelos industriais que afirmam que o custo da vida desce.

Nos últimos dias, a carne, o assucar, o feijão e outros gêneros, bem como o vestuário, etc. subiram de preço. E, não obstante isto, alguns industriais persistem em opor à alta do custo da vida a baixa de salários, forçando classes numerosas a um estiolamento odioso, em greves prolongadas.

Ainda mesmo alheando-nos da nossa situação de porta-voz dos oprimidos, podemos afirmar convicadamente que não têm razão todos aqueles que se lançam contra os salários na pretensão desumana de os reduzir.

E' hoje que se reúnem os industriais corticeiros para apreciar a greve naquela indústria. Qual será a sua resolução?

Aguardamos para nos pronunciarmos...

Nota do comitê da greve

Camaradas: De vida ou de morte é a luta em que estamos empenhados. E se os sacrifícios que temos feito são evidentes, evidente é também a disposição em que todos os corticeiros se manifestam de prosseguir lutando até que justiça nos seja feita. Já alguns industriais se vão manifestando aborrecidos com este jogo malabar em que, a par da nossa situação, a sua também periga. Sim, porque de onde se tira e não se põe, falta faz. Industriais há que, num arranço de sinceridade, já afirmam concordar que o momento não é para baixas de salários e que se a vida continuar a subir de custo, não será de extranhar que surjam reclamações de aumentos. Por enquanto apenas pensamos em assegurar os salários que pretendem reduzir-nos.

E' hoje que os industriais reúnem para apreciar o conflito. Se o bom senso os animar não será preciso apontarmos-lhes a forma como as condições económicas dos operários são cada vez mais incompatíveis com qualquer ideia de compressão de salários.

E neste momento em que o custo da vida sobe e temos ameaçada a expectativa da crise, recuar um passo seria o suicídio de nós e condenarmos nossas famílias à mais degradante das situações.

Não, não pode ser! A nossa luta é justa. E' a resistência contra a fome, é a defesa do sagrado direito à vida duma classe inteira que tem vegetado para dar vida aos seus industriais.

Confiem em nós as classes que nos estão prestando solidariedade e não afrouxem nesse auxílio que tão preciso nos é. Os corticeiros saberão honrar-se e honrar toda a organização. A luta só deverá terminar com vitória.

Viva a greve!

Viva a solidariedade!

O Comitê

Em Belém

Reúnem hoje os corticeiros em greve para apreciar o estado da sua luta, resolvendo manterem-se até completa vitória e saldar todas as classes que lhes estão prestando solidariedade moral.

Hoje, pelas 13 horas, reúnem novamente os grevistas com a presença dum delegado da Federação.

No Póço do Bispo

Mantém-se com crescente firmeza e coesão o movimento corticeiro, pois que, com o nobre gesto dos nossos camaradas de Sacavem, mais forças sentimos para lutar até vencermos os nossos exploradores.

Foi lamentada a publicidade dos supostos culpados do regresso ao trabalho em Sacavem, mas a culpa atribuído-lhe a nós os visados, pois que não têm aparecido no Sindicato.

Se aqui tivessem vindo, decerto que se tinha evitado aquela falha.

No entanto é bom nunca esquecerem a Associação, fazei por ela tudo quanto seja possível, pois só desta esperança uma maior soma de benefícios morais, económicos, profissionais e sociais.

A classe reúne hoje às 18 horas.

No Seixal

A greve corticeira nesta localidade mantém-se com a mesma firmeza. Ontem esteve iminente um lamentável conflito, por motivo de industrial A. Wicander pretender fazer um embarque, com parte dos seus descarregadores, dentre os quais se destacou um tufão de nome José Afonso. Os grevistas opuseram-se e conseguiram impedir o gesto de tração, praticado por indivíduos que, provado está, ainda há pouco afirmaram à porta da Associação um escrito em que salientavam a sua situação de miséria e esperavam que os grevistas os convidassem a aderir.

Fazemos votos por que a proeza se não repita, a fim de evitar desagradáveis consequências.

Em Silves

A intransigência dos industriais responde-nos com a nossa inquebrantável energia, a pesar da miséria que já lavra, atendendo à crise que nos avassalou há mais dum ano.

A classe está disposta a prosseguir na luta até que os industriais ponham de parte a sua pretensão, e que a nossa Federação ordene a retomada do trabalho, oficiando-nos nesse sentido.

A classe aqui reunida resolveu protestar contra a atitude covarde dalguns empregados.

Em Castelo Branco

Mantém-se sem desfalecimentos a greve nesta localidade.

Causou aqui uma certa sensação a notícia publicada em *A Batalha* de antemão, na qual se dizia que os corticeiros de Sacavem tinham mais uma vez abandonado o trabalho.

Até que enfim, mas desta vez não nos foi mandado telegrama...

Almada

A energia dispendida e a que fôr preciso dispendir pelos corticeiros ora em greve, tudo nos leva a crer que os industriais não conseguirão vencer-nos.

A-pegar de lutarmos contra a baixa de salários, o comércio encontra-se ainda insatisfeito, continuando na sua voracidade, aumentando quasi diariamente o preço dos gêneros indispensáveis à vida.

Espreita-nos um inverno agreste e os industriais a persistirem neste lamentável propósito, não sabemos onde nos conduzirão.

Do que possa suceder, só a eles cabem todas as responsabilidades. A opinião pública continua a mostrar-se favorável ao nosso belo movimento, visto que da nossa parte está a razão e assiste-nos toda a justiça.

A classe reúne hoje às 18 horas.

No Barreiro

Prosegue com inquebrantável firmeza o movimento corticeiro, não se constando qualquer defeção. A disposição dos grevistas é de sacrifício nesta luta até que os industriais abandonem as suas atitudes de roedores que querem ver os operários curvados aos seus caprichos.

Em Vendas Novas

Mantém-se com a mesma energia a greve nesta localidade.

Apesar dos já muitos sacrifícios, e porque é assim que os industriais pretendem reduzir-nos ainda mais a miséria, prosseguiremos na luta, até que se ponha termo ao conflito, visto que nos assiste toda a razão.

Em Odemira

O movimento grevista nesta localidade mantém-se firme sem uma única defeção. Persiste-se aguardando que os industriais ponham termo ao conflito e que a nossa Federação ordene a volta ao trabalho.

Em São Tiago do Cacém

Mantém-se firme os grevistas daqui e acompanharão até final os nossos camaradas grevistas das outras localidades, até que a Federação ordene a volta ao trabalho.

Em Sines

Mantém-se com a mesma firmeza os grevistas daqui.

Os sacrifícios já são grandes, mas a persistência lutaremos até final.

Em Aldegaleta

Mantém-se com a mesma firmeza o movimento grevista.

A-pegar da solidariedade dispendida pela Federação Marítima, os Descarregadores de Mar e Terra desta localidade continuam a traír-nos, não vindo que a nossa derrota iria reflectir-se neles próprios.

Pobres inconscientes, nem por isso nos curvaremos aos propósitos macabros dos nossos exploradores.

Em Setúbal

Aqui está firme o movimento, até que os industriais queiram pôr termo ao conflito e a nossa Federação resolva a volta ao trabalho.

A disposição dos grevistas é excelente.

Na Amora

Como nos dias anteriores, mantem-se aqui a luta, aguardando os grevistas que os industriais ponham de parte a sua pretensão, e que a Federação indique à nossa Associação do Seixal a retomada do trabalho.

Em Silves

No decorrer da quarta semana de luta dos corticeiros, é nos grato verificar a coesão que se manifesta da parte dos grevistas em face dos industriais que, conhecedores da precária situação em que se debatem os seus assalariados, não recuam em sacrifícios pretendendo forçá-los a consentir numa redução nos já míseros salários.

Os corticeiros de Silves afirmam-se dispostos a continuar lutando até à obtenção da sua justa reclamação do salário que auferiam.

Em Alhos Vedros

Após tantos dias de luta, prossegue com firmeza a greve dos corticeiros. Por este lado, que se desiludam os industriais: a volta às fábricas só se realizará quando aos corticeiros seja garantido o direito à vida e a Federação o determine.

Em Messines

A-pegar dos apuros económicos em que os grevistas corticeiros se debatem, o desânimo não os invade. A greve prosseguirá, pois, com a máxima firmeza até que a Federação comunique o termo vitorioso.

Aqui lamenta-se que seja possível existirem algumas localidades onde hajam corticeiros que, vindo a beneficiar da luta por ela não se sacrificiem.

Federação Corticeira Nacional

Reúne hoje o Comitê Federal, pelas 12 horas.

A comparência de todos os delegados é indispensável.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, às 21 horas, o Dr. Sobral de Campos dará consultas a todos os confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da caderneta em dia.

Secção Telegráfica

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

N. J. S. de Évora.—Pedimos novamente, que nos respondam urgentemente aos nossos ofícios.

N. J. S. de Silves.—Responham, rogamos novamente, ao vosso delegado ao Conselho Federal.

ENFERMAGEM DE ALIENADOS

(Tese a apresentar ao 1.º Congresso Nacional dos Serviços de Saúde. Relatores: Frederico Palma dos Santos e Manuel Gouveia de Sousa)

Os nossos serviços não são todos iguais. De entre eles um há que pela gravidade que reveste merece menção especial: referimo-nos ao serviço de alienados-presos. Reputamos este serviço de tão grave responsabilidade, que não hesitamos em preconizar a selecção do pessoal para o seu desempenho e até instruções escolares especiais sobre o assunto. Estes doentes, quasi sempre portadores de um baixo nível moral ou absolutamente amorais, seres insociáveis e de índole preversa, a maior parte das vezes internados no manicómio pela prática de crimes repugnantes e nefandos, são extremamente perigosos para quem os trata. Em geral dotados de inteligência e dispoem de um certo poder de sugestão, inventando as histórias mais estapafúrdias, mas logicamente arquitetadas, para darem uma explicação plausível aos seus actos criminosos, compreendendo claramente a sua situação e o papel que o enfermeiro junto deles desempenha; é a este que odeiam por o considerarem a entidade que se opõe à realização dos seus desejos, principalmente de fuga.

Têm-se descoberto, felizmente a tempo, «complots» inteligentemente organizados para a realização de fugas de grupos de doentes em que o vigilante nocturno estava indicado como vítima no caso de se opôr à sua execução. E o seu poder de sugestão é de tal ordem que já um doente criminoso conseguiu que o vigilante o acompanhasse na sua fuga.

Por aqui se vê o perigo que o enfermeiro corre e também se avalia a força moral de que é necessário dispor para viver em contacto com esta espécie de seres anormais.

Também a assistência aos alienados epiléticos é sujeita a graves perigos. Nestes doentes é a impulsão mórbida, tão própria desta espécie nosográfica, que subitamente

ataca o doente e o leva à agressão, invariamente violentíssima e atingindo sem distinção o primeiro indivíduo que lhe aparece.

Das resumidas considerações anteriores se pode inferir o que seja a vida do enfermeiro de alienados—e não só do pessoal de enfermagem, como de todos os empregados dos manicómios, expostos como estão a acidentes graves que lhe podem ser fatais.

Para o desempenho de tão espinhosos serviços não há nenhum estímulo nem sequer as mais simples compensações. Antes pelo contrário, a classe de enfermagem de há muitos anos que foi votada ao ostracismo pelo Estado—o que não admira pois que o Estado pouco se preocupa com a assistência em geral. As horas de trabalho não são reguladas, os quadros permanecem incompletos com lacunas enormes, o próprio descanso semanal é uma realidade contingente no Manicómio e os benefícios que trazem as diuturnidades aos serviços em que as promoções são raras pelo limitado número de funcionários, também não atinge a nossa classe, não sabemos porque.

Quando dizemos que o Estado não se preocupa com a assistência, principalmente aos alienados, só traduzimos rigorosamente a verdade. Não se torna necessário carregar as cores do triste quadro que se nos depara para chegarmos a esta conclusão; o edifício que em 1850 foi destinado ao internamento de pouco mais de 300 alienados—embora ampliado com 5 pavilhões que foram construídos entre 1853 e 1900—é ainda o mesmo que abriga hoje 980 doentes, com as mesmas instalações, hoje naturalmente deterioradas pelo uso e pelo tempo.

No Manicómio falta tudo, mas a falta que mais se faz sentir é a de espaço para conter um tão elevado número de popula-

ção enferma. Não hesitamos em afirmar que para se manter uma certa decência nestes serviços é necessário o máximo sacrifício da parte de todo o pessoal.

Se a situação do pessoal masculino é má, a do pessoal feminino é pior. Ou porque as mulheres, de seu natural pouco propensas a reivindicações, não tenham lutado para conseguirem algumas regalias, ou porque o regime conventual em que viveram até há pouco as tivesse habituado a uma certa passividade, o certo é que o pessoal feminino de enfermagem se encontra em muito piores circunstâncias que o pessoal masculino. Trabalham muito mais horas e estão ainda sujeitas a um regime semi-conventual, nem sempre dispondo de si, mesmo nas suas horas de descanso. E' certo que as necessidades do serviço justificam em parte esta situação, mas regalias há de que poderiam usufruir se houvesse um pouco mais de boa vontade da parte de quem dirige estes serviços.

Este pessoal é interno pelo Regulamento, quer dizer tem direito a residência e alimentação (esta remunerada) no Manicómio.

Actualmente, está este pessoal autorizado pela direcção a pernoitar nas suas residências, não lhe sendo permitido no entanto que tomem as suas refeições nos seus lares. Isto é facultado-lhe a liberdade de dormir em suas casas, mas nega-se-lhe a autorização para se alimentarem com a família. Este regime, que seria tolerável há uns anos atrás, não tem razão de existir, tanto sob o ponto de vista moral como material. Moralmente, porque é deprimente para uma criatura que trabalha com o que outros querem e não o que ela queira, materialmente, porque obriga algumas empregadas a um dispêndio escusado de dinheiro em refeições em casa, depois de as terem pago no Manicómio.

Esta desprezível exposição é uma fraca síntese dos serviços de enfermagem de alienados. Sabemos muito bem que cada um dos assuntos que tratamos de um modo muito geral daria matéria para uma tese bastante desenvolvida. Não quisemos, porém, deixar passar o presente congresso sem expormos, embora de forma muito su-

cinta e insuficiente, o que são estes serviços e a necessidade imprescindível que há de os modificar.

Concordamos, de um modo geral, que todos os serviços de assistência no nosso país são insuficientíssimos, os primeiros e dizê-lo são os distintos clínicos que, fazendo o serviço nos hospitais, directamente conhecem as faltas existentes. Ousamos, porém, afirmar que os nossos serviços são os que se encontram em piores circunstâncias e mais abandonados pelos poderes públicos.

CONCLUSÕES

1.º. O actual curso de enfermeiros de alienados e nevropatas deve ser aperfeiçoado de forma a criarem-se bons profissionais e tornar-se facultativo às pessoas estranhas ao Manicómio que se queiram habilitar para esta espécie de enfermagem.

2.º. O exercício da enfermagem a alienados deve ser regulado de forma a não ser permitido pelos indivíduos que não sejam portadores de um diploma de enfermeiro da especialidade;

3.º. A reforma aos enfermeiros de alienados deve ser facultativa aos 20 anos de serviço activo e obrigatório aos 25, sem limite de idade e com direito a todos os vencimentos, incluindo melhorias;

4.º. O enfermeiro de alienados deve ter direito às diuturnidades;

5.º. O enfermeiro de alienados deve ter 6 horas de trabalho;

6.º. Deve ser considerado acidente de trabalho a tuberculose;

7.º. Em caso de agressão ou desastre fatal produzido por doentes a qualquer empregado dos manicómios, deverá ser concedida à viúva, filhos, enquanto menores e filhas enquanto solteiras, uma pensão de sangue nunca inferior a 5/6 dos vencimentos totais normais;

8.º. Deve ser instituído o externato obrigatório para o pessoal feminino a admitir e facultativo ao actual.

Lisboa, 27 de Setembro de 1925.

Florindo Sales de Almeida, Duarte José Lopes Paster, Joaquim Augusto Lino, Manuel Gouveia de Sousa, relator; Daniel Garrido Silva, Frederico Palma dos Santos, relator!

O SINDICALISMO EM MARCHA

Apanhadores de marisco de Faro

FARO, 23.—Sob a presidência de Bernardo da Luz Morgado, secretário por Augusto Farrão e Joaquim Baião, reuniram os apanhadores de marisco para tratar da aprovação dos estatutos por que se tem de reger esta classe.

Aberta a sessão o presidente explica os fins da mesma e comunica à assembleia a presença dos camaradas José Martins Grilo e José Francisco, respectivamente delegado da C. G. T. e Conselho Inter-Sindical dos Marítimos e Fluviais.

Depois de estas camaradas terem feito sentir a necessidade de estarem organizados os apanhadores de marisco para que assim possam fazer valer os seus direitos, foram os estatutos aprovados com uma ligeira alteração na parte em que se refere à entrega dos haveres deste sindicato em caso de dissolução e que ficarão pertença da C. G. T. com o encargo da reorganização do mesmo.

No final foi aprovada uma moção que termina pelas seguintes conclusões:

1.º. Considerar-se as razões apontadas o suficiente para a criação de um novo organismo federativo.

2.º. Julgar suficiente para a sua criação a aprovação dos seus estatutos pelas assembleias gerais dos sindicatos.

3.º. Dar-lhe desde já a sua adesão requestando o expediente confederal ao Conselho Inter-sindical enquanto a nova federação não for instituída.

Terminou esta sessão às vivas à C. G. T. Conselho Inter-sindical, *A Batalha*, etc.—C. G. T.

[Mais uma adesão à C. G. T.]

ALDEGALETA, 25.—A greve das chacinheiras não impede estas de cuidar da sua organização.

Ontem reuniu a sua associação especialmente para tratar da adesão deste organismo à C. G. T.

Presidiu a camarada Joaquina Barradas, secretária pelas camaradas Sofia Cardoso e Maria Gertrudes Futre.

O presidente convidou qualquer associada a manifestar a sua opinião sobre a adesão à C. G. T. Todas as assistentes responderam em coro que sim, que querem aderir, declarando algumas, apoiadas pelas restantes, que a Associação já há muito tempo deveria ser aderente.

E' então dada a palavra ao delegado da C. G. T., Manuel Joaquim de Sousa, que durante uma hora e meia explica as vantagens da organização sindicalista na luta de classes, frisando o valor da organização das mulheres proletárias e a necessidade que têm de procurar tornar-se conscientes para dar à acção todo o seu concurso, sem a qual a organização masculina será sempre incompleta e deficiente para a emancipação integral das classes oprimidas.

No final desta palestra foi votada por unanimidade e em votação nominal a seguinte moção:

Considerando que as Associações de Classe, como os indivíduos, não devem estar isoladas;

Considerando que na luta contra o capitalismo, patronato ou Estado, os organismos simples devem-se federar para constituir um conjunto de força capaz de enfrentar a classe exploradora;

Considerando que a indústria ou indústrias da alimentação não possuem a respectiva Federação Nacional para que, por meio deste organismo, os respectivos sindicatos por aquela via dessem a sua adesão à Confederação Geral do Trabalho;

Considerando que apesar daquela falta os sindicatos, onde também não existem U. S. O. ou C. S. T., podem aderir isoladamente à C. G. T.;

A Associação de Classe das Operárias Chacinheiras de Aldegaleta reunida em assembleia geral, convocada especialmente para este fim, resolve dar a sua adesão à Confederação Geral do Trabalho e faz votos pela rápida constituição da Federação da Indústria da Alimentação em Portugal.

Aldegaleta, 23 de Novembro de 1925.—Joaquina B. Bernardes, Sofia Cardoso, Maria Gertrudes Futre.

ASSINEM Os mistérios do Povo

AS GREVES

Tanoeiros de Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 24.—Há quatro semanas que os operários tanoeiros se lançaram em luta contra o vasilhame de tornavim. Luta de sacrifícios por parte dos operários!

Quatro semanas de luta tenaz o que demonstra nitidamente, a vontade de acabar com a terrível situação de miséria e fome, em que se encontrava a numerosa classe dos tanoeiros.

Três mil tanoeiros, eram vítimas da crise de trabalho e era justo, era humano, que se acabasse com as causas determinantes da fome e da miséria dos tanoeiros.

Era a maldita torna-viagem, que era necessário acabar.

Os governantes desta república não ouviam, não viam, para a situação deprimente de uma numerosa classe.

Convençeram-se as camaradas tanoeiros, que não podiam continuar, à espera da generosidade de governos. E então lançaram-se em greve, contra, como já dizemos, a torna-viagem.

E' admirável a solidariedade dos grevistas e a dignidade do facto, de os senhores exportadores que são ingleses requestrarem das autoridades superiores, a cavalaria da guarda republicana, para garantir a «liberdade de trabalho».

E as autoridades, vergando-se aos ingleses, espalham pelas ruas da vila patrulhas da guarda.

Mas que tremendo cheque!

Os tanoeiros souberam dar uma boa lição aos exploradores ingleses e às autoridades locais.

Nem um operário, se prestou a traír o belo movimento.

Devemos registar, que até os próprios exportadores se admiram da forma como os tanoeiros são solidários.

Os grevistas têm reunido diariamente, tendo assistido às sessões um delegado da Federação Vinícola e U. S. O. do Porto.

A comissão de «demarches» tem encetado vários trabalhos atinentes a tornar rápida a vitória.—C.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 20 desta revista intitulada *El Hereje*, de J. Sanjurjo. Preço, \$50.—Pedidos à administração de *A Batalha*.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Manipuladores de pão

Realizou-se no passado domingo a festa da inauguração da nova bandeira deste sindicato, decorrendo num agradável ambiente de carinho e solidariedade operária.

As salas que se encontravam ornamentadas com bandeiras de outros organismos operários, verduras e vasos de flores, produzindo um agradável aspecto, estiveram durante o dia e até altas horas da noite literalmente cheias.

A sessão inaugural preside Sebastião Marques, secretariado o delegado da Câmara Sindical do Trabalho, Alexandre Assis e outro manipulador de pão.

O presidente depois de um discurso afusivo ao acto manda descer a bandeira o que se faz no meio de indescritível entusiasmo.

O grupo «Os Bichinhos» abriu-lhe a festa com várias peças do seu repertório.

Fizeram-se representar delegados de diversos organismos que demonstraram bem à classe o dever que tem a cumprir na organização para com o seu sindicato.

Foram executados alguns números de variedades.

No final da sessão foi tirada uma quele que rendeu 19250 para todos os presos da classe e que será distribuída em partes iguais.

Assim terminou aquela bela jornada de propaganda e solidariedade da organização operária, ouvindo-se vivas à C. G. T., à *Batalha* e aos Manipuladores de pão.

PROPAGANDA SINDICAL

Em Sines

SINES, 24.—De passagem por esta terra realizaram uma sessão de propaganda no sindicato marítimo os camaradas José Francisco de Almeida e José Martins Grilo delegados da C. G. T. Com uma assistência regular de operários de várias classes, depois de constituída a mesa pelo camarada Jaime Martins secretariado por José Alexandre e José da Silva Azevedo, é dada a palavra ao primeiro dos mencionados delegados que em nome do sindicato representa a classe trabalhadora de Sines fazendo votos para que saibam sempre cumprir o seu dever no caminho das reivindicações sociais.

Referindo-se à questão, que se debate em Sines que é a baixa de salários à classe corticeira, apela para que os marítimos saibam coadjuvar os corticeiros em luta pois que a questão destes é a questão de todos os trabalhadores em geral. Refere-se à grande miséria que encontrou em várias terras do Algarve no percurso que por ali acaba de fazer. Em toda a parte o capitalismo ganancioso pretende dar o golpe de morte nos produtores de toda a riqueza social, e para que tal facto se não dê é necessário que o operário compreenda que é dentro do sindicato unidos que poderão lutar e vencer o seu inimigo explorador.

Não pode concordar de forma alguma que no momento em que mais necessário é os trabalhadores se agruparem dentro do sindicato, eles o abandonem, por que este não é forte pela sua estrutura, mas sim pelo conjunto dos seus agrupados nas suas assembleias discutindo e defendendo a todo o transe as poucas liberdades que hoje usufruimos. E foi nesta ordem de ideias que por algum tempo prendeu a atenção dos que enviam.

Segue-se o delegado da C. G. T. que salda também os trabalhadores em nome do organismo que representa, e em seguida aborda a questão corticeira aconselhando os grevistas a que saibam manter aquele espírito revolucionário e combativo que sempre honrou a nobre classe corticeira. Refere-se ao tempo em que os generosos subiam doadamente e da vil exploração de que a classe operária tem sido sempre vítima por parte destes, e diz como o seu camarada que o antecedeu que o operário devia responder à baixa de salários proposta pelos industriais deviam os operários responder com um pedido de aumento de salário. Mas para isto era preciso que os trabalhadores soubessem aproveitar a sua força organizando-se nos seus sindicatos. Aconselha união e persistência na luta e solidariedade entre todas as classes porque a questão é de todos embora fossem os corticeiros os primeiros a sofrer o ataque da baixa de salários.

Aconselha os operários em geral a acabarem com as lutas intestinas que só serve para enfraquecer os organismos em proveito da casta exploradora.

Mostra como exemplo a luta sustentada pela classe mobiliária contra a patronal e a forma airosa e digna como aquela soube triunfar.

Explica enfim o que é a solidariedade e apela para que os marítimos a quem elogia pela sua nobre conduta.

Assim terminou esta bela sessão ficando marcada nova sessão para o dia seguinte para o que foi convidada toda a classe marítima visto que a nova sessão é especialmente para tratar do conflito entre a F. M. e a C. G. T.—C.

CRISE DE TRABALHO

Sindicato U. da Construção Civil

Para efeito de colocação são convidados os camaradas canteiros inscritos sem trabalho, a comparecerem na sede do Sindicato, pelas 11 horas.

S. U. Metalúrgico

Hoje, pelas 21 horas, reúnem os operários metalúrgicos em assembleia